



Pesquisar a educação infantil e o espaço com Fernand Deligny

Researching early childhood education and space with Fernand Deligny

Investigar la educación infantil y el espacio con Fernand

Gabriela Tebet¹

Professora da Universidade Estadual de Campinas, Campinas/São Paulo, Brasil

Wenceslao de Oliveira Junior²

Professor da Universidade Estadual de Campinas, Campinas/São Paulo, Brasil

Isabela Ruivo Salles³

Pedagogia Universidade Estadual de Campinas, Campinas/São Paulo, Brasil.

Recebido em: 22/03/2022

Aceito em: 13/04/2022

Resumo

Esse texto apresenta um diálogo entre Gabriela Tebet e Wenceslao Oliveira Jr, a partir do interesse comum de ambos no trabalho de Fernand Deligny que atravessa suas pesquisas que visam pensar os bebês a partir da cartografia ou pensar o espaço-escola da educação infantil a partir do cinema. É realizada uma breve apresentação de Deligny e seu trabalho aos leitores com destaque para as ideias de adaptação/ inadaptção; rede, território, linhas costumeiras e de errância bem como para o trabalho de cartografias desenvolvidos por Deligny. São exploradas de modo especial as possibilidades das contribuições de Deligny para o campo da educação infantil, da infância e dos bebês em especial.

Palavras-chave: Deligny. Educação Infantil. Cartografias.

Abstract

This paper presents a dialogue between Gabriela Tebet and Wenceslao Oliveira Jr, based on the common interest of both in the work of Fernand Deligny crossing their researches that aim to think about babies from cartography, or to think about the school-space of early childhood education from from the cinema. A brief presentation of Deligny and his work to readers is made, highlighting the ideas of adaptation/misadaptation; network, territory, customary and wandering lines as well as the cartographies developed by Deligny. The possibilities of Deligny's contributions to the field of early childhood education, childhood and babies in particular, are explored in a special way.

Keywords: Deligny. Early Childhood Education and Care. Mapping.

¹ gabigt@unicamp.br

² wences@unicamp.br

³ isabelaruivosalles@gmail.com

Resumen

Este texto presenta un diálogo entre Gabriela Tebet y Wenceslao Oliveira Jr, a partir del interés común de ambos en la obra de Fernand Deligny que cruza sus investigaciones con la intención de pensar los bebés desde la cartografía, o bien pensar la escuela-espacio de educación de la primera infancia desde lo cine. Se hace una breve presentación de Deligny y su obra a los lectores, destacando las ideas de adaptación/desadaptación; red, territorio, líneas consuetudinarias y errantes así como las cartografías desarrolladas por Deligny. Se exploran de manera especial las posibilidades de las aportaciones de Deligny al campo de la educación infantil, la infancia y los bebés en particular.

Palabras clave: Deligny. Educación Parvulária. Cartografías.

Introdução

Gabriela: É um prazer de ter aqui conosco o professor Wenceslao de Oliveira Júnior, colega da Faculdade de Educação da Unicamp, e que também estuda Fernand Deligny, um pensador e educador pouco conhecido pelas pessoas no Brasil, mas que tem sido um interlocutor potente ao longo do projeto de pesquisa que temos desenvolvido. O projeto que coordeno é sobre bebês. Nesse projeto temos desenvolvido cartografias inspiradas no trabalho de Deligny. Também vale a pena mencionar que no segundo semestre de 2019 eu e o professor Wenceslao tivemos a oportunidade de oferecer juntos uma disciplina na pós-graduação da Faculdade de Educação da Unicamp, em que nos aprofundamos um pouco mais sobre a obra de Fernand Deligny. Wences é um prazer imenso estar aqui com você

Wenceslao: Olá Gabi! O prazer é meu de estar aqui com você novamente para falarmos sobre a obra de Fernand Deligny, que apesar de caminharmos por preocupações diferentes e por entradas diferentes na obra deste autor, temos feito de fato trocas muito boas. Como você disse anteriormente, demos uma disciplina juntos, mas também - a partir de outros percursos que temos feito e com certas dúvidas que temos em relação a esse autor, que é bastante inusitado e radical nas suas proposições - fomos para o Rio de Janeiro, no II Encontro Deligny, com pesquisadores do Rio de Janeiro, da Argentina e da França, onde apresentamos juntos algumas reflexões a partir dos nossos trabalhos (TEBET, *et. al*, 2019b).

Gabriela: Sim! E para quem não conhece muito sobre Deligny, ele atuou na França a partir da década de 40, como diretor do Centro de Observação e Triagem na região norte da França em Lille. Ele concebeu um centro que reuniu 80 adolescentes, em um lugar aberto e recrutou monitores do meio sindical e operários desempregados para atuarem com esses adolescentes. Também a partir desse trabalho, Deligny (2017) publicou um livro que foi traduzido para o português como "Semente de crápula: Conselhos aos educadores que gostariam de cultivá-la". Em 1945, foi o ano de nascimento de

sua filha e o início do seu trabalho, que tem como marca principal o termo "tentativas", porque Deligny, era contra o formato vigente da pedagogia.

Deligny dizia muito sobre tentativas de conviver, tendo um propósito muito específico que era estar junto com esses adolescentes e com as pessoas que foram selecionadas para o trabalho. Lembro-me que nós conversamos bastante a respeito na disciplina e queria ouvir um pouco você, Wenceslao, sobre o começo do trabalho do Deligny, para irmos contando para o pessoal que ainda não o conhece.

As tentativas de Deligny com jovens inadaptados e a ideia de inadaptção

Wenceslao: Eu acho que a experiência do Deligny, de reunir jovens “delinquentes”, ou seja, jovens inadaptados da perspectiva da cultura estabelecida, e que possuíam modos distintos de estar no mundo, fez com que ele propusesse uma convivência e uma construção de um comum que não estava dado. Um comum que viria a existir exatamente no acolhimento dessas pessoas que estavam lá. Os adultos que conviviam com esses jovens permitiam que eles efetivassem gestos, movimentos e pensamentos um tanto diferentes, considerados poucos adaptados ao modo de pensar habitual. E por isso, umas das perspectivas mais importantes que caracterizam Deligny é o verbo permitir. Permitir que um modo distinto de estar no mundo aflore e ganhe possibilidades de criar relações e de configurar redes, em uma perspectiva de rede não prevista, o que também é uma dimensão importante para Deligny (2015). Porém, nesse momento, parece-me que ele estava em busca de permitir potências de vida distintas desses jovens, permitindo que as redes nas quais eles seriam capturados, como as redes de desejo, redes de afetos, redes de ação e de atividade se fizessem presentes de alguma forma. O verbo que eu penso agora seria “acolher”, associado à palavra “acolhimento” que normalmente é ligada a uma ideia de adaptação, ou seja, uma ideia que faz com que as pessoas passem a viver dentro de um determinado conjunto de normas estabelecidas, uma espécie de comum, que antecede a chegada dessas pessoas. E, para Deligny (2015), as pessoas chegam da maneira que são e o ambiente deve acolhê-las, permitir que elas ajam dessa maneira, pois essas ações pouco adaptadas ou não adaptadas inventam outras normatividades, ou seja, outras maneiras de estar no mundo. Tem um texto muito bonito do Eduardo Passos, se não me engano está no caderno Deligny, que fala exatamente sobre isso: inadaptção e normatividade (PASSOS, 2018).

Gabriela: No texto de Eduardo Passos, ele diz que a inadaptção deixa de ser uma categoria de acusação ou de patologização, para ganhar um sentido positivo. Ele destaca que Deligny (1949) designa

os jovens inadaptados, acolhidos nesse movimento da La Grande Cordeé , como vítimas testemunhas, pois são testemunhas de formas de assujeitamento e formas de resistência. Ele diz que para Deligny os inadaptados resistem a essas formas de assujeitamentos e nos ensinam a resistir. É muito bonito essa concepção de inadaptção como algo relacionado a uma resistência aos modos de assujeitamento.

Isabela: Sim. Pensando na ideia de inadaptção e normatividade, o artigo de Eduardo Passos faz uma importante contribuição a partir de Deligny, ao afirmar que:

Há aqueles que estão fora das normas, que não cabem nos limites da normalidade, esses que de direito não se enquadram. Deligny expressa em sua obra o grande apreço por estes inadaptados e defende o direito à normatividade fora da norma, seguindo as indicações de Canguilhem. Normatividade e não normalidade; normatividade como potência de criação de normas, ela mesma não normal – o mais vívido do vivo, seu fundo vital como está proposto no Normal e patológico (PASSOS, 2018, p. 151).

Wenceslao: É uma resistência afirmativa, ou seja, é uma resistência que aponta uma potência de vida e por isso ela exige um outro conjunto de normas. Outras normatividades de um comum que ainda não existe, mas que se configura em função dessa convivência, e permite a realização dessas outras formas de vida comuns a partir desses corpos que têm modos distintos de estar no mundo. Nessa mesma época de trabalho do Deligny (2018), ele escreve outro livro, intitulado “Vagabundos eficazes”, onde ele desenvolve a ideia de eficácia da vida desses jovens, que seriam esses inadaptados. Ele escreve isso na forma de um diário de acompanhamento desses jovens nesse centro de observação, que tinha relação com as instâncias jurídicas, sendo muito próximo, na perspectiva do Estado, de um centro de reabilitação ou detenção. Deligny então realiza o que você comentou no início, uma tentativa pedagógica de encontrar modos de aprendizado com esses jovens, e por isso, um dos momentos mais impactantes para mim no livro “Vagabundos eficazes”, resumidamente, é quando ele diz quem contratou para trabalhar com ele, e diz: “menos os professores”. Porque os professores, em grande medida, naquela época atuavam vinculados ao estabelecimento de uma ordem prévia, ou seja, entendiam a educação como um processo de entrada em um mundo que já existia, cheio de ordens e normas. E é sobre isso que eu penso que essa primeira tentativa do Deligny efetiva um gesto de resistência afirmativa.

Gabriela: É muito legal essa ideia que ele traz no livro “Vagabundos eficazes” de respeito à diferença e de respeito ao outro, quando ele não propõe corrigir ou curar essas diferenças, mas se propõe a estar junto, tratando esses profissionais que trabalham nesse espaço como presenças próximas. Esse termo para nós também tem sido muito importante, que é a ideia de estar junto e

participar de uma rede que se trama a partir do encontro e a partir da convivência desse comum que se constrói na relação. Portanto, não é impor um modelo de educação, socialização ou condutas específicas, mas, estar junto sendo uma presença próxima, que dá suporte, protegendo em uma situação de perigo, mas que não está o tempo todo normatizando, orientando, definindo rotinas e regras. Então, essa ideia de rede, conjuntamente com a ideia de presença próxima, me parecem muito potentes em suas tentativas.

E a partir desse trabalho desenvolvido com os jovens "desadaptados" no Centro de Observação e Triagem, temos também outro período do seu trabalho, que é o trabalho com crianças autistas profundas e crianças mutistas em Cévennes na França, Deligny é o responsável por esse espaço de acolhimento e a primeira criança autista que ele recebe é um encaminhamento da Françoise Dolto, que no movimento da grande cordada também trabalhou com o Wallon. Então, Deligny estava "transitando" próximo a essas pessoas. E nesse processo, ele começou a trabalhar com as crianças autistas em uma nova tentativa a partir do seu modo, para compreender a importância das presenças próximas e da rede, tendo um termo que é muito especial para nós que é o papel do espaço. Para Deligny (2015) o papel do espaço é muito bem destacado, sobretudo a partir do seu trabalho com as crianças autistas, desenvolvendo também a ideia de topos como um espaço que compõe a rede. Conta mais para gente Wenceslao sobre o espaço!

Wenceslao: Gabi, sou eu que preciso te ouvir sobre os mapas que vocês têm criado, porque a sua pergunta me remete tanto aos mapas do Deligny (2015), quanto aos mapas que vocês têm feito dos bebês. Voltando um pouco à minha fala anterior, os bebês também estão nessa condição próxima da não linguagem, ou seja, da não interferência da linguagem, ou da interposição que a linguagem e seus signos fazem da relação dos bebês com o território e com o entorno próximo. E vocês tem mapeado exatamente isso, vendo os gestos, movimentos e encontros que esses bebês têm com o que está em volta e com aquilo que os afeta. Nesse sentido, existem dois tipos de mapas para Deleuze e Guattari (1997) em suas cartografias: Os mapas dos afetos e os mapas dos trajetos

Os mapas dos afetos, são sempre vinculados a esse encontro, ou seja, aquilo em que se cria em uma relação que promove um conjunto de devires. E os mapas realizados por vocês têm isso muito presente, porque às vezes são encontros mínimos, do ponto de vista da dimensão espacial; inclusive vocês criam signos cartográficos para apresentá-los ao leitor, para torná-los visíveis e sensíveis. E ao mesmo tempo, o mapa dos trajetos são sempre mapas de afetos, porque o trajeto é sempre acionado e mantido por um afeto, por alguma força intensiva que faz com que se realize um traço, um traçado. E

nesse sentido, a ideia de mapa que vem da geografia é muito boa, porque os bebês se relacionam muito com a superfície, o que permite esse olhar “de cima”, onde fica perceptível a relação que os bebês vão criando entre eles e os materiais próximos. É um pouco do que exploramos no texto que será publicado “Geografias giratórias: o agir da espécie e seu acionamento pelo lugar” (Oliveira, Junior. Pereira, no prelo).

O plano da superfície, perspectiva essa que foi apropriada por Deleuze e Guattari (1997), e aparece principalmente no texto “O que nos dizem as crianças”, do livro *Crítica e Clínica*, em que ambos trabalham essa proximidade também na perspectiva do Deligny, comentando que tudo o que está na superfície têm intensidades distintas que fazem com que o indivíduo caminhe em relação a uma coisa ou em direção a outra. E então, o trajeto se apresenta como uma marca de intensidade, que é nada mais do que a vida. O mapa expressa a vida que a criança está tendo e a vida, nessa perspectiva, é a relação que ela tem com o entorno e com a pluralidade de materiais que esperamos existam nas escolas ou casas, porque quanto mais diverso é o material, principalmente os materiais advindos da natureza, melhor as crianças vão se vincular, tendo maiores possibilidades de ter seus corpos atravessados pela intensidade de algum tipo de encontro com algum tipo de material.

Eu sempre entendo a cartografia que o Deligny (2015) faz a partir de uma perspectiva que passei a compreender mais através do Deleuze e Guattari (1997), que é a ideia de rizoma, ou seja, tudo está na superfície e você vai encontrando aleatoriamente, na “errância”, algo de intensidade, e que, portanto, produza sensação de vivacidade onde produzimos as variações de nós mesmos. Entendo a vida a partir da ideia de que a vida é a variação dela própria, então ela se intensifica na medida do encontro com algo novo, e faz com que nós nos diferencemos de nós mesmos. O que é muito importante para tratar a questão da diferença, não só a diferença presente no outro, mas a diferença presente em nós e que ganha maior possibilidade quando estamos em um espaço onde o controle dos encontros de nossos corpos com o mundo não é regulado. Gabi, por falar nisso, você poderia falar um pouco sobre essas cartografias que vocês têm feito com os bebês? Como é isso? Me fala um pouco dos desafios que vocês tiveram para fazer essas cartografias e para inventar os signos e elementos para compor esses mapas.

Cartografias de bebês, crianças e da Educação Infantil

Gabriela: Pois é Wenceslao! No começo estávamos bastante inseguros, sobretudo com o fato de estarmos usando o termo “mapas”. Nós tivemos algumas situações em que criamos símbolos, para que

podéssemos repeti-los, então, criamos alguns símbolos comuns ao nosso grupo, como, por exemplo, o asterisco, que representa os bebês e o círculo que representa os adultos. Nos inspiramos no trabalho de uma outra pesquisadora que se chama Júlia Tachikawa de Oliveira, que realizou um doutorado sobre cartografias com bebês (Oliveira, 2016). Foi o primeiro doutorado sobre o assunto, na Universidade Federal de São Carlos, orientado pela Anete Abramowicz. Nos inspiramos nesses símbolos já produzidos, mas o que é muito interessante, nesse sentido, é a singularidade da vida, porque o encontro de cada bebê com o espaço e o topos se modifica, então essas redes não valem para qualquer bebê. Então, mantivemos alguns símbolos usados pela Julia Tachikawa para representar os bebês e seus encontros, porém muitos símbolos que precisamos usar ainda não existiam, porque cada rede tem seus próprios elementos. Então, utilizamos novos símbolos, como por exemplo para representar o bebê no carrinho, ou em situações que existiam berço, ou o adulto separado do bebê.

Aconteceu uma cena muito interessante no primeiro dia dos bebês na creche, no período de “adaptação”, como chama a instituição. Essa cena foi registrada em forma de vídeo-cartografia (TEBET, 2021). Nesse momento, as famílias acompanharam os bebês, então sentimos que era importante diferenciar os adultos das famílias e os adultos da equipe escolar. Então, cada situação demanda a criação de novos símbolos, por mais que tenhamos símbolos que utilizamos sempre, pois a cada encontro com os bebês, eles nos provocam a criar novos símbolos para podermos de fato produzir os registros da rede de que eles fazem parte; redes que não são redes padrão. Então, esses foram alguns desafios. Mas sobretudo, o fato de que não basta traçar o movimento, nós também fomos percebendo as demandas específicas da vida dos bebês. Como por exemplo o que o Deligny (2015) traz sobre o trajeto dos autistas, ele possui alguns símbolos que representam onde essas crianças giraram ou a sua interação com a saliva, e no caso dos bebês, nós criamos símbolos para representar o deslocamento, como por exemplo, o bebê engatinhando ou arrastando, andando com apoio, correndo ou no colo. E também quando o bebê chora, ou quando ele está dormindo ou acordado, principalmente no caso dos bebês mais novos que não se deslocam muito.

E no caso dos bebês mais novos, que estão acordados e parados no mesmo lugar, nós refletimos sobre quais são as redes que se tramam e quais os elementos que afetam de fato as experiências do bebê que não se desloca, e como nós iríamos registrar isso. Outro desafio que também tivemos, foi como registrar a passagem do tempo. Nós fomos criando estratégias para isso, e uma delas é o registro em história em quadrinhos, com a sequência dos acontecimentos e elementos que vão compondo essa rede. A Júlia Costa foi nossa primeira aluna a desenvolver esse jeito de registrar e junto com ela a

Karolina Moraes Barros que também tem alguns registros realizados nessa sequência (Tebet *et. al*, 2019a).

Nós também temos um modelo que é da transparência, através do desenho em uma folha de sulfite e posteriormente íamos trocando a folha transparente que estava por cima. E quando fomos apresentar essas produções para as pessoas, também sentimos a necessidade de transmitir isso digitalmente. Então, nós migramos esse registro, que primeiramente é um esboço e que posteriormente ganha formas com as transparências, para o powerpoint, e então, produzimos uma animação desse material. Então, a partir da filmagem dos bebês, produzimos as cartografias e agora estamos trabalhando para que essa cartografia também seja um filme, um vídeo, em que nós apresentamos para as pessoas em formato de vídeo animação os rastros e movimentos dos bebês. E mesmo com os desafios, conseguimos criar estratégias bem bacanas.

Nesse processo, aconteceu algo muito legal que é aprender a ver os bebês. Porque nós não víamos os bebês; temos uma tendência a sempre olhar para as crianças mais velhas. Então em uma turma com doze bebês, nós sempre olhamos para aquele que se desloca. O que afeta nossa atenção é sempre o mais velho, e em várias situações nós refletimos sobre isso. Fazer o traçado das cartografias foi uma forma de nos ensinar a ver o que tanto era importante e estava invisível ao nosso olhar. Deligny (2007) fala que quando nós tiramos esses sentidos dados previamente, nós podemos ver o resto. E as cartografias têm nos permitido isso, ver o resto. Ver tudo o que em geral não vemos por que nosso olhar foi colonizado para não valorizar tudo o que faz parte da vida dos bebês.

Wenceslao: Muito bacana isso! Quero fazer então, a última pergunta que é uma provocação para a gente voltar a falar do Deligny, que são alguns uns conceitos importantes que ele desenvolveu para a cartografia, que são as linhas costumeiras e linhas de errância. Como você tem lidado com isso e como elas permitiram ser bons conceitos para pensar sua cartografia com os bebês?

Linhas costumeiras e linhas de errância

Gabriela: Esses foram dois excelentes conceitos para nós! Temos feito um paralelo com a própria forma da organização da educação infantil. Então, quando falamos de linhas costumeiras, temos associado com uma outra ideia presente na obra do Deligny (2007), que é a ideia de projeto pensado, essa ideia está relacionada a produção do homem que somos, como você falou bastante no início da conversa sobre a questão do humano. E o Deligny faz essa diferenciação, do humano e do homem que

somos. E o homem que somos é justamente o resultado dos processos de assujeitamento. Nós fomos formados para existir de um determinado modelo, a partir de determinadas regras. Então, vivemos esses processos de subjetivação e assujeitamento que nos produzem de um determinado modo, e a educação faz parte desse processo de produzir o homem que somos, é o processo de socialização, que é a inserção de valores de uma determinada cultura e sociedade para que possamos partilhar desses valores e signos sociais. Então temos que compreender que a educação se configura nesse lugar de produzir o homem que somos, produzindo um sujeito dentro de uma cultura.

E trabalhando com essa noção de projeto pensado do Deligny (2015), ele diz que existe todo um projeto pensado pela sociedade que assujeita os seres que participam dela. E nós fizemos essa relação com a educação infantil, sendo esse projeto pensado o currículo, o plano de ensino, as metas da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) então existe um projeto pensado pelo adulto para o desenvolvimento da criança e existe um objetivo a ser atingido. E os bebês escapam desse projeto pensado, porque nesse sentido, eles também são inadaptados, sendo o sentido de inadaptação destacado na obra do Deligny (2015) pelo Eduardo Passos (2018). Os bebês não estão preocupados com o projeto pensado pelo adulto, como por exemplo a hora da refeição, o bebê pode ir comer, como também pode fazer outras coisas quando a porta da sala se abre. Então, os bebês produzem muitas linhas de errâncias. E eu penso que talvez, por isso, seja muito cansativo para os profissionais que atuam no berçário trabalhar com os bebês, porque o tempo todo nós temos que “capturar” os bebês para colocá-los de volta no projeto pensado. E isso também nos faz pensar, será que de fato nós precisamos capturá-los o tempo todo? Como nós podemos nos configurar em presenças próximas para os bebês e permitir esses encontros e agenciamentos?

Isabela: Sobre essa questão que o prof. Wenceslao aponta, podemos retomar uma ideia importante presente no artigo de Eduardo Passos. Ele afirma que para Deligny: A inadaptação social não significa necessariamente um comprometimento da normatividade do vivo. O inadaptado aos olhos de Deligny recusa a normalidade do homem que nós somos. Nele a normatividade se expressa em seu estado bruto – arte bruta do humano (PASSOS, 2018, p. 151).

Gabriela: Temos uma cena do primeiro dia dos bebês na creche que é muito interessante, eles estão com as famílias e acontece a seguinte situação: um dos bebês pega um objeto, que é uma escova de cabelo, e bate no chão da sala fazendo barulho, o que também foi um desafio para nós registrar isso imagetivamente, e então, os outros bebês do espaço estão fazendo outras coisas, mas tem um bebê que para e fica olhando e tenta se aproximar dessa escova, e ao esboçar essa aproximação a mãe que

acompanha esse bebê interrompe seu movimento e se interpõe no caminho, pegando o bebê no colo e o trazendo de volta para o lugar. Ela não permite que seu filho se aproxime do outro bebê que está batendo a escova no chão, porque nesse momento existe um projeto pensado, que é a apresentação da proposta de trabalho das professoras para o ano letivo. Então as famílias, deveriam estar escutando a professora e os bebês deveriam estar próximos de suas mães ou pais. E essa mãe atua no sentido de manutenção do projeto pensado. Então, outro bebê olha para a cena que envolve a escova e também se aproxima e a mesma coisa acontece, sua mãe se levanta e acompanha o movimento desse bebê, mas ela se coloca ao lado do bebê e fica olhando o que vai acontecer.

E é muito interessante que quando não filmamos podemos perder os mínimos gestos e o Deligny (1971) tem um filme que fala sobre os mínimos gestos - e tem mínimos gestos que nos escapam, e nesse momento eu devo ter piscado, e nesse piscar de olhos a escova sai da mão de um bebê e vai para a mão do outro. Eu não sei dizer como, mas o bebê que conseguiu se aproximar da escova, pega a escova na mão e olha para essa escova e nada acontece. E nada acontece porque a escova para de fazer barulho. E quando eu pisco de novo, essa escova volta para a mão do outro bebê, que começa a bater novamente a escova no chão e assim a escova volta a fazer barulho. E o bebê que foi até lá e se aproximou, vê que a escova volta a fazer barulho e sorri, vira e volta para o seu lugar sozinho. Ele não precisou ser capturado pela mãe, e sua mãe atuou como uma presença próxima, dando suporte e acompanhando sem interromper.

Então, esse movimento do bebê que bate a escova no chão e do outro bebê que se aproxima e interage, de algum modo são linhas de errâncias, que a partir da noção de projeto pensado produzem outra coisa, mais livre, definida a partir de encontros e afetos e diferente do excesso de objetivos do projeto pensado. É como exploramos em outro texto:

O termo errância na obra de Deligny está diretamente associado à ideia de agir. A expressão usada originalmente pelo autor é “Lignes d’erre”, onde o termo “erre” em francês não está associado a um erro (antônimo de acerto), mas sim ao movimento de vagar, mover-se sem rumo, sem objetivo, sem projeto. Esse é o sentido da palavra “erre” no termo “Lignes de erre”. A expressão erro, em francês, é representada pelo termo “erreur”, que não é o termo usado por Deligny. Ao ser traduzido para o inglês, adotou-se o termo “Wander lines” e, em português, tem sido adotado o termo “Linha de Errância”, no qual errância está associado a um trajeto “errante”, ou seja, que vaga sem destino. Trata-se muito mais de uma linha de vagueio, do que uma linha de erro, dado que ao abrir mão do projeto pensado, de um modelo definido a ‘priori’, a própria noção de erro não cabe no pensamento de Deligny (TEBET; ABRAMOWICZ, 2021).

Então, nesse sentido de vaguear, perambular, temos visto como os bebês são grandes produtores de linhas de errâncias e eles nos exigem estarmos também mais abertos para sermos

afe(c)tados pela vida, pelos encontros, e menos presos a planos e projetos. Nesse sentido, eu acredito que essa perspectiva que nós temos enquanto profissionais da educação, de sermos reconhecidos e de implementar um projeto pedagógico e fazer acontecer nossa proposta, nós olhamos mais para os objetivos do que para os bebês. Essa postura não permite que as redes se tramem, e não permite que os bebês de fato possam também atuar na produção dessas redes. E é um pouco isso que temos pensado a partir dos conceitos do Deligny (2007), e que fundamenta nossa militância para que os bebês possam ser mais vistos de fato e que possamos estar mais juntos deles, sendo mais afetados por suas singularidades

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 18 mar. 2022.

DELIGNY, Fernand. **La grande cordée**. 1. ed. Rennes: Enfance, 1949.

DELIGNY, Fernand. **Œuvres**. Paris: L'Arachnéen, 2007.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. São Paulo: N-1 Edições, 2015.

DELIGNY, Fernand. **Semilla de Crápula: consejos para los educadores que quieran cultivarla**. Buenos Aires: Cactus: Tinta Limon, 2017.

DELIGNY, Fernand. **Os vagabundos eficazes**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs: do capitalismo à esquizofrenia**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 1997. 3 v.

ENCONTRO com uma escova. 2021. vídeo (11 min.). Publicado pelo canal Gabriela Tebet. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yf-dtONUzuA>. Acesso em: 18 mar. 2022.

OLIVEIRA Junior, Wenceslao Machado. Uma educação e um cinema no terreno? O espacial e as imagens verdadeiras em Fernand Deligny e Cao Guimarães. *In*: FRESQUET, Adriana Mabel (Org.). **Cinema e Educação: a lei 13006**. Belo Horizonte: Universo produção, 2015. p. 120-131. Disponível em: <https://www.redekino.com.br/pesquisa/cinema-e-educacao-a-lei-13-006-reflexoes-perspectivas-e-propostas/>. Acesso em: 18 mar. 2022.

OLIVEIRA Junior, Wenceslao Machado; PEREIRA, Meiry Soares da Costa. Geografias giratórias: o agir da espécie e seu acionamento pelo lugar. *In*: Marlon Miguel (Org.). **Cadernos Deligny 2**, 2022. No prelo.

OLIVEIRA, Júlia Yoko Tachikawa de. **Trajetórias e caminhos: uma cartografia dos bebês**. 2016. Tese

Gabriela Tebet, Wenceslao de Oliveira Junior, Isabela Ruivo Salles

(Doutorado em Educação) - Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8477>. Acesso em: 18 mar. 2022.

O MÍNIMO gesto. Produção: Fernand Deligny, Josée Manenti e Jean-Pierre Daniel. [S. l.], 1971. 1 vídeo (120 min.). Disponível em: <https://machinedeleuze.wordpress.com/2019/10/06/filme-o-minimo-gesto-1971-fernand-deligny/>. Acesso em: 18 mar. 2022.

PASOLINI, Pier Paolo. **Empirismo Herege**. Lisboa: Assírio & Alvim. 1982.

PASSOS, Eduardo. Inadaptação e normatividade. **Cadernos Deligny**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 8, jan. 2018. Disponível em: <https://cadernosdeligny.jur.puc-rio.br/index.php/CadernosDeligny/article/view/21>. Acesso em: 18 mar. 2022.

TEBET, Gabriela; ABRAMOWICZ, Anete. Afinal, o que querem os bebês?. **Debates em Educação**, Alagoas, v. 13, n. 33, p. 377-390, dez. 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/12671>. Acesso em: 18 mar. 2022.

TEBET, Gabriela; MORAES, Karolina; COSTA, Júlia. Entre errâncias e afe(c)tos: O desafio de cartografar bebês. Proceedings e Anais de Eventos Indexados Galoá, Campinas, maio 2019a. *In*: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE GEOGRAFIAS DAS CRIANÇAS, DA JUVENTUDE E DAS FAMÍLIAS, 6, Campinas, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/gcyf-2019-pt/papers/entre-errancias-e-afe-c-tos--o-desafio-de-cartografar-bebes>. Acesso em: 18 mar. 2022.

TEBET, Gabriela; OLIVEIRA Junior, Wenceslao Machado; PEREIRA, Meiry Soares da Costa. Bebês, crianças e corpos-câmera: Geografias giratórias e experimentações cartográficas com Fernand Deligny. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL FERNAND DELIGNY, 2, Rio de Janeiro, out. 2019. **Apresentação oral**. Rio de Janeiro, 2019b.

TOLEDO, Sandra. **Cartes et lignes d'erre/Maps and Wander Lines**: traces duréseau de Fernand Deligny, 1969-1979. Paris: L'Arachnéen. 2013.